

# 1

## O conceito de narcisismo em Freud e alguns de seus destinos

“O narcisismo primário que supomos nas crianças e que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido é mais difícil de apreender pela observação direta do que de comprovar através de uma inferência retrospectiva feita a partir de outro ponto” (Freud [1914] 2006: 87).

O conceito de narcisismo estabelece-se em um momento muito profícuo da história da Psicanálise e, também, em uma época de muita discórdia entre Freud e alguns de seus principais discípulos – Adler e Jung. A troca fecunda entre essas três figuras, em determinado momento, caminhou na direção de uma forte ameaça à causa psicanalítica. Desta forma, no ano em que escreveu o texto *princeps* “Introdução ao narcisismo”, em 1914, Freud também elaborou, em tom de polêmica, “A história do movimento psicanalítico”, trabalho no qual se dedicou para preservar a especificidade do pensamento psicanalítico.

Além disso, um dos principais motivos que levou Freud a escrever “Introdução ao narcisismo” foi, justamente, responder à crítica que Jung lhe fazia quanto à insistência em manter a prevalência do fator sexual para explicar o funcionamento do psiquismo, no seio de uma polêmica que culminou com um rompimento entre ambos. Dois trechos da correspondência de Freud com Jung ilustram bem de que se trata. Na carta de Freud para Jung, datada de 03 de janeiro de 1913, lê-se:

Sabemos que entre nós analistas, nenhum de nós deve ter vergonha do seu pedaço de neurose. Mas aquele que, conduzindo-se anormalmente, grita sem parar que é normal, desperta a suspeita que lhe falta à intuição da doença. Eu lhe proponho, pois, que rompamos totalmente nossas relações privadas (Freud *Apud* Menezes, L.C., 2001: 113).

A resposta de Jung: “Eu me dobrarei ao seu desejo de romper nossa relação pessoal porque eu nunca imponho a minha amizade. Quanto ao resto, é o senhor, sem dúvida, que melhor saberá o que este momento significa para si”

(Ibidem). Assim, encerra-se um capítulo da história da Psicanálise que, por outro lado, proporcionou a Freud a apresentação de novas reformulações teóricas em torno dos investimentos libidinais.

A construção do conceito de narcisismo subverteu a primeira teoria freudiana das pulsões na medida em que o eu, até então postulado como uma instância deslibidinizada, passou a ser um objeto de investimento libidinal. Se, antes, o conflito psíquico era caracterizado pela oposição das pulsões sexuais, inconscientes e o eu, consciente, a partir de 1910, em nota acrescentada ao artigo de 1905, “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, essa concepção passou a ser reformulada. Segundo Jones, é provável que esta tenha sido a primeira menção escrita sobre o narcisismo, embora Freud já tivesse feito uma declaração sobre o tema na Sociedade Psicanalítica de Viena, no dia 10 de novembro de 1909, tomando o narcisismo como uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal.

Nesta nota, a noção de narcisismo está muito relacionada ao tipo de escolha homossexual. Por outro lado, já é possível encontrar alguns dos elementos essenciais para uma teoria do narcisismo. São eles: a idéia do eu como objeto de amor, o postulado de uma identificação como base do narcisismo e, ainda, a relação deste com as escolhas amorosas.

Além disso, é neste trabalho que, pela primeira vez, Freud estabelece uma relação entre as pulsões sexuais e as ‘necessidades’, através da noção de apoio. Esta articulação implica em considerar que as pulsões sexuais derivam daquilo que ele irá chamar, em 1910, no estudo sobre os distúrbios psicogênicos da visão, de pulsão de auto-conservação. Ainda neste artigo, o conceito de pulsão do eu é formulado para designar as forças do eu que se opõem à sexualidade no conflito psíquico. Sendo assim, o conflito passaria, então, a estabelecer-se entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, energias distintas localizadas em diferentes espaços psíquicos.

Paralelamente à elaboração de sua primeira teoria pulsional, Freud começa a constituir o conceito de narcisismo. No mesmo ano da nota, em seu artigo sobre Leonardo da Vinci (1910), aparece uma referência mais extensa ao conceito de narcisismo. Freud relaciona o homossexualismo a um tipo de escolha de objeto narcísica, simultaneamente a um retorno da libido ao auto-erotismo. Desta forma,

o menino teria como destino identificar-se com a figura materna e escolher parceiros que representariam o seu duplo.

Contudo, é no estudo sobre Schreber que a formulação acerca do narcisismo ganha sua devida proporção, a de protagonista na cena da teoria pulsional. Aí, o narcisismo deixa de ser equivalente ao auto-erotismo e passa a ocupar um lugar fundamental na história libidinal do sujeito, entre o auto-erotismo e o amor objetal:

Investigações recentes chamaram nossa atenção para um estágio na história evolutiva da libido, que se cruza com o caminho que vai do auto-erotismo ao amor objetal. Este estágio foi designado como narcisismo. Consiste no momento do desenvolvimento do indivíduo em que ele reúne suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica, para ganhar um objeto de amor. Toma a si próprio e o seu próprio corpo antes de passar para a escolha de um objeto que seja outra pessoa (Freud [1911] 2006:56).

Dois anos mais tarde, em “Totem e Tabu”, um novo avanço é realizado na formalização do conceito, quando Freud afirma que, diferentemente do que se pode ler acima, o narcisismo não é uma fase evolutiva, um estágio passageiro na história libidinal do sujeito, e sim uma estrutura permanente que continua a existir apesar das reestruturações libidinais posteriores. O narcisismo está envolvido na estruturação do eu, unificando as pulsões parciais e auto-eróticas. O que permite essa relativa unificação da fragmentação pulsional é o investimento libidinal da imagem do sujeito, como objeto privilegiado. Desta maneira, existiria um momento mítico, posterior ao auto-erotismo, que precederia o investimento do objeto como diferente do sujeito, que seria o **narcisismo**:

Embora ainda não nos seja possível traçar com exatidão suficiente uma característica deste estágio narcisista, na qual as pulsões sexuais, até então dissociadas, se reúnem numa unidade investindo o eu como objeto, vislumbramos desde agora que a organização narcisista nunca é totalmente abandonada. **Um ser humano permanece narcisista em certa medida mesmo depois de ter encontrado objetos externos para a sua libido** (Freud [1913] 2006: 92)<sup>3</sup>.

O investimento libidinal do eu é fundamental para a sua preservação. No ano seguinte, no célebre artigo “Uma introdução ao narcisismo” (1914), Freud aprofunda esta perspectiva e introduz o narcisismo como um conceito que é, sem dúvida, um dos pilares de sua teoria.

---

<sup>3</sup> Grifos nossos.

A grande novidade é a formulação que admite a existência simultânea de uma libido do eu e uma libido do objeto. Esta formulação acarretou problemas para a teoria até então vigente; uma vez que o eu também passou a ser objeto de investimento libidinal, isto é, ele deixou de ser uma instância libidinalmente neutra no conflito psíquico. Os pólos de tensão do conflito, que haviam sido bem distintos - pulsões do eu, forças recalcentes, princípio de realidade e processos secundários *versus* pulsões sexuais, representações recalçadas, princípio do prazer e processos primários – deixam de funcionar em oposição. Com a introdução do conceito de narcisismo, estas referências se confundiram e a dinâmica do conflito se complicou, uma vez que Freud postulou a relação erótica com o eu, afastando-se de uma concepção biológico-adaptativa representada pelas pulsões de auto-conservação. Ou seja, a partir deste trabalho, pode-se considerar que o indivíduo não morre porque ele se ama, e não porque possui um instinto de auto-conservação.

Freud desenvolve o conceito de narcisismo tomando como referência as observações sobre a esquizofrenia, a vida mental das crianças e dos povos primitivos. Segundo ele, a atitude narcisista nos neuróticos implica numa resistência transferencial intensa. Enquanto na esquizofrenia há retirada da libido do mundo externo para o eu, na neurose a libido que foi retirada dos objetos vai investir os objetos da fantasia. Embora o retraimento narcísico possa ocorrer em qualquer momento da vida, há um narcisismo primário localizado no seu início. Este estrutura-se mediante as relações que estabelece com aqueles que circulam em volta do bebê; normalmente as figuras parentais que contribuem para a instauração da onipotência primária. O narcisismo primário é uma herança do ideal narcísico dos pais. A criança viria ocupar o lugar daquilo que ficou perdido na vida dos pais. Cabe a ela recuperar para eles todos os privilégios que estes foram obrigados a renunciar, e a realizar os sonhos e projetos nos quais eles fracassaram. Este lugar, no qual os pais costumam colocar o filho, Freud chamou de “Sua Majestade, o Bebê”.

Como conseqüência desta relação, os primeiros objetos sexuais eleitos pela criança são derivados de suas primeiras experiências de satisfação, em geral, vividas com as pessoas que cuidam dela, sua mãe ou substituta. Este tipo de fonte e escolha objetal Freud denominou de anaclítica ou, melhor dizendo, “de apoio”. Entretanto, ele também observou casos em que houve alguma perturbação no

desenvolvimento libidinal e, como resultado, ao invés de o sujeito escolher os objetos amorosos de sua vida tomando como modelo sua mãe, ele toma a si mesmo como um objeto amoroso: trata-se da escolha objetal narcisista.

Essa distinção, tomada de forma pouco cuidadosa, pode resultar na concepção de que um tipo de escolha exclui a outra. Contudo, Freud afirma que uma escolha objetal narcisista está sempre presente. A seguinte passagem vem confirmar tal idéia: “Dizemos que os seres humanos têm originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que o criou, e pressupomos então em todo ser humano o narcisismo primário que, eventualmente, pode expressar-se de forma dominante em sua escolha objetal” (Freud [1914] 2006: 85).

Já o narcisismo secundário, para Freud, estaria referido ao refluxo da libido dos objetos para o próprio eu, por ele observado nos casos de esquizofrenia. A partir da pergunta “qual é o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia?”, ele responde:

O delírio de grandeza, próprio a esses estados, nos indica o caminho. Sem dúvida, nasceu às expensas da libido de objeto. A libido retirada do mundo externo foi conduzida para o eu e assim surgiu uma atitude que podemos chamar narcisismo. Mas o delírio de grandeza não é uma criação nova, como sabemos, é a ampliação e o desdobramento de um estado que já existia antes. Isso nos leva a conceber o narcisismo que nasce da retirada dos investimentos objetais como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base do outro, primário (Freud [1914] 2006: 72-3).

Apesar de a noção de narcisismo secundário ser proveniente da observação de Freud acerca das esquizofrenias, ele não a limitou aos casos de psicose; ao contrário, estendeu sua observação a todos os seres humanos. Em função disto, o narcisismo secundário resulta no retorno ao eu dos investimentos feitos sobre objetos externos:

Atribuímos ao indivíduo um progresso quando passa do narcisismo ao amor objetal. Mas não acreditamos que toda a libido do eu passe para os objetos. Determinada quantidade de libido permanece sempre junto ao eu, certa medida de narcisismo persiste mesmo quando o amor objetal é altamente desenvolvido. O eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos e para o qual ela retorna, proveniente dos objetos. A libido objetal foi inicialmente libido do eu e pode ser outra vez convertida em tal. (...) Como ilustração desta situação podemos pensar em uma ameba, cuja substância viscosa desprende pseudópodes, prolongamentos pelos quais se estende a substância do corpo, os quais, contudo, podem retraindo-se a qualquer momento, de modo que a massa protoplásmica seja restaurada (Freud [1917] 2006: 131)

Freud fala, claramente, da mobilidade da libido, opondo-se à idéia de etapas a serem superadas. Entretanto, não podemos deixar de considerar que essa nova distinção – narcisismo primário e narcisismo secundário - trouxe problemas para a construção freudiana, não só porque opõe a libido do eu à libido objetal, admitindo uma antítese entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais; mas também, porque abriu espaço para que estes modos de investimento fossem entendidos como fases ou etapas a serem substituídas umas pela outras.

Acompanhando sua exposição, ainda em 1914, percebe-se que, desta vez, a partir da observação de adultos normais, cujas manifestações da megalomania relacionada ao narcisismo infantil perderam sua força, Freud pergunta-se: “O que aconteceu à libido do eu? Devemos supor que toda ela converteu-se em investimentos objetais?” (Freud [1914] 2006: 90). Sem hesitação, ele responde que não e, para justificar-se, lança mão da “psicologia do recalque”, empregando as noções de eu ideal e ideal do eu, apesar de conceituá-las apenas de forma implícita<sup>4</sup>:

E sobre este eu ideal recai agora o amor de si mesmo que na infância gozou o eu real. O narcisismo aparece deslocado em direção a esse novo eu ideal que, como o infantil, encontra-se possuído de toda perfeição e valor. Aqui, como sempre ocorre no âmbito da libido, o homem mostrou-se incapaz de renunciar a satisfação de que gozou uma vez. (...) O que ele projeta diante de si mesmo como o seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal (Freud [1914] 2006: 90-1).<sup>5</sup>

A noção de eu ideal, neste momento, designa o estado narcísico de onipotência na infância, ao passo que a noção de ideal do eu refere-se a uma instância diferenciada do eu que dita um modelo ao qual o sujeito procura conformar-se. Esta foi a maneira que Freud encontrou para conciliar a antiga função do eu – agente do recalque, com a sua nova característica: objeto de investimento libidinal.

Aqui também é importante lembrar que o eu ideal não é uma fase a ser superada e substituída por outra que seria o ideal do eu. Como ele indicou no parágrafo transcrito acima, o eu ideal permanece transformado no adulto quando

<sup>4</sup> Lacan retomará esta questão mais tarde, na ocasião de seu primeiro seminário sobre os escritos técnicos de Freud, 1953-1954. Ali ela irá nos propor uma diferença entre estes dois conceitos.

<sup>5</sup> De acordo com Garcia-Roza, “se alguma confusão houve com relação a esse parágrafo foi cometida pelos tradutores que ‘corrigem’ o texto original de Freud substituindo ideal do eu (*Ich Ideal*) por eu ideal (*Ideal Ich*), como se a inversão de termos fosse um descuido do autor”, p. 31.

ele consegue aproximar-se do seu ideal do eu que, por sua vez, diz respeito às exigências que veiculam o lugar da lei. A introdução do conceito de narcisismo e, posteriormente, a postulação do eu ideal e do ideal do eu, indicam a necessidade de uma nova abordagem do eu que deverá, obrigatoriamente, ser caracterizado por uma cisão. Este passo Freud só dará depois de 1920. Enquanto isso, ele continuou às voltas com os impasses que foram se apresentando.

Um ano depois, no artigo, “Pulsões e destinos da pulsão” (1915), Freud avança em sua construção teórica, trazendo uma grande contribuição: a agressividade - o ódio - como anterior ao amor. Neste trabalho, ele postula que as pulsões podem sofrer quatro vicissitudes: (1) reversão ao seu oposto; (2) retorno em direção ao próprio eu do indivíduo; (3) repressão e (4) sublimação. Por ora, deter-me-ei no segundo ponto. A fim de desenvolvê-lo, Freud lança mão de dois pares de opostos: o sadismo x masoquismo e o exibicionismo x voyerismo; descrevendo a pulsão escopofílica como uma formação narcisista, e a transformação do sadismo em masoquismo como um indicador do retorno ao objeto narcisista.

Mais adiante no texto, Freud estabelece três polaridades da mente: (1) sujeito (eu) – objeto (mundo externo); (2) prazer-desprazer; (3) atividade – passividade. Em seguida, afirma que existe uma situação psíquica originária em que duas delas coincidem:

O eu encontra-se originariamente, no começo da vida psíquica, investido por pulsões e é em parte capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos este estado de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação de auto-erótica. Nesta época o mundo externo não é investido com interesse e é indiferente à satisfação. Portanto, durante este período o eu coincide com o que é prazeroso, e o mundo externo com o que é indiferente (Freud [1915] 2006: 120-1).

Considerando o eu, no momento inaugural da vida, como auto-erótico, Freud afirma que ele é indiferente ao mundo externo. Entretanto, em função das pulsões de auto-conservação, acaba entrando em contato com objetos deste mundo. Quando os objetos a ele apresentados são sentidos como agradáveis, ele introjeta-os, assumindo-os como se fizessem parte dele. Por outro lado, expela o que dentro dele esteja sendo sentido como desprazeroso. Dessa forma, o eu fica coincidindo com o prazer e o mundo externo fica sendo indiferente. No processo de aparecimento do objeto, o ódio ganha lugar importante na cena psíquica:

Quando o objeto é fonte de sensações prazerosas, estabelece-se uma tendência motora que procura trazer o objeto para perto do eu e incorporá-lo. (...) Inversamente, quando o objeto é fonte de sensações desprazerosas, uma tendência esforça-se para aumentar a distância entre o objeto e o eu. (...) Sentimos a ‘repulsa’ pelo objeto, e o odiamos; este ódio pode, depois, intensificar-se ao ponto de converter-se numa inclinação a agredir o objeto, com o propósito de destruí-lo. (Freud [1915] 2006: 131).

A partir desta colocação, o ódio, enquanto relação com os objetos é anterior ao amor, uma vez que ele tem sua origem no eu narcisista. O ódio não é proveniente da vida sexual e sim da constante luta do eu para preservar-se da invasão dos estímulos oriundos do mundo externo. Nesse sentido, o ódio permanece numa relação íntima com as pulsões de auto-conservação, assegurando às pulsões sexuais e às pulsões do eu a manutenção de uma antítese que repete a do amor e do ódio.

No texto “Luto e Melancolia” (1917), a partir da noção de identificação narcísica secundária, Freud descreve o processo subsequente à perda do objeto e o trabalho ligado a esta perda. Dois processos podem ocorrer: o luto ou a melancolia. No início, ambos são parecidos. O indivíduo perde o interesse por tudo que se encontra a sua volta, restringindo seu campo de atividades. A diferença está na auto-recriminação, na diminuição da auto-estima, próprias à melancolia. Nesta, a perda do objeto resulta na identificação com este. Ao invés da libido, até então investida no objeto perdido, ser deslocada para outro objeto, ela retorna para o eu, servindo para estabelecer uma identificação do mesmo com o objeto abandonado. Sendo assim, o que ocorre na melancolia é uma perda do eu, na medida em que este está identificado narcisicamente com o objeto perdido:

Se escutarmos com afinco as acusações que o paciente se faz, chega um momento em que não é possível evitar a impressão de que as mais violentas correspondem muito pouco a sua própria pessoa e, muitas vezes, com pequenas modificações, ajustam-se a outra pessoa a quem o paciente ama, amou ou deveria amar (Freud [1917] 2006: 245).

A partir da admissão da identificação narcísica, Freud faz uma distinção entre esta e a identificação histórica, advertindo que, na primeira, o investimento objetual está ausente, enquanto na segunda, ao contrário, ele mantém-se. Além disso, segundo Freud, a identificação narcísica é anterior à histórica, cabendo à primeira preparar o caminho para a compreensão da segunda.

É interessante notar que, apesar de Freud ter se deparado com a dificuldade de manter a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, em seu artigo de 1914 e nas Conferências de 1916-17, esta distinção ainda comparece mais ou menos da mesma forma. Talvez, uma justificativa para tal fato seja a sua determinação em preservar o lugar do não-sexual, ainda que, ao longo de seu trabalho, ele tenha se defrontado com importantes obstáculos. Afinal, ele precisava defender sua concepção dualista em oposição ao monismo de Jung. A resolução deste impasse, contudo, será apresentada em 1920, no texto “Além do princípio do prazer”, com a introdução do conceito de pulsão de morte:

Nossa concepção foi, desde o início, dualista e o é ainda mais hoje, que deixamos de chamar a oposição entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais para dar-lhes o nome de pulsões de vida e pulsões de morte. (...) Suspeitamos que no interior do eu atuam pulsões diferentes das de auto-conservação, só que deveríamos poder indicá-las. Infelizmente, é difícil fazê-lo, em função do atraso no qual se encontra a análise do eu. Talvez as pulsões libidinais do eu estejam vinculadas de maneira particular com essas outras pulsões do eu que ainda desconhecemos (Freud [1920] 2006: 52).

Ou seja, ainda havia um terreno fértil a ser desbravado. A postulação da pulsão de morte foi importante na medida em que marcou o lugar do não-sexual. Entretanto, esta re-arrumação ainda não era suficiente. Neste texto, Freud propõe uma reformulação nas relações entre o eu e o inconsciente: “É que sem dúvida grande parte do eu é inconsciente: justamente o que se pode chamar o ‘núcleo do eu’ abrange apenas uma pequena parte dele sobre o nome de pré-consciente” (Freud [1920] 2006: 19).

Isso significa dizer que, além de uma parte do eu à qual se acha ligada a consciência, existe outra que é inconsciente, não só no sentido descritivo, como no sentido dinâmico. Essas idéias ainda esperarão três anos para serem desenvolvidas. Logo nas primeiras páginas de “O eu e o isso” (1923), Freud reafirma a tese de que a distinção entre o consciente e o inconsciente constitui a premissa fundamental da psicanálise, apesar de afirmar também que essa distinção tornou-se insuficiente para fins práticos. A partir da necessidade de dar conta, por exemplo, das questões suscitadas pelo tratamento da melancolia, que se impunha há dois anos, Freud propõe outra tríade para o aparelho psíquico - eu, isso e supereu -, que não substitui a primeira – consciente, inconsciente e pré-consciente. Essa nova tópica, não resolveu o impasse que gira em torno da noção de

narcisismo primário. Ela continuou sendo uma questão espinhosa para os psicanalistas. Em função disso, será aberta uma seção a fim de examiná-la mais de perto.

## 1.1

### O conceito de narcisismo primário

Desde que o conceito de narcisismo primário foi postulado, no artigo “Introdução ao narcisismo” (1914), ele não parou de causar polêmica. Primeiro porque o próprio texto não é claro a respeito, segundo porque, no decorrer da obra freudiana, podem-se encontrar posições distintas sobre o tema, como as postulações posteriores a 1920 em que Freud toma o narcisismo primário como o momento em que a satisfação pulsional é auto-erótica, estabelecendo estreita relação entre narcisismo e auto-erotismo.

De acordo com Laplanche e Pontalis, “o narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma. O narcisismo secundário designa um retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais” (Laplanche e Pontalis, 1992: 290). Apesar de eles apresentarem uma definição para as duas noções, elas não são satisfatórias. Inclusive, eles próprios admitem que esses termos têm diferentes acepções, impossibilitando a obtenção de uma concepção unívoca. De um autor para o outro, a noção de narcisismo primário pode variar muito. Trata-se de definir um estado hipotético da libido infantil e, nesse ponto, há divergências fundamentais. Além disso, eles chamam atenção para o fato de a expressão narcisismo secundário ser menos problemática que a de narcisismo primário.

Convocarei outro estudioso da metapsicologia freudiana, Luiz Alfredo Garcia-Roza, a fim de ajudar nesse *imbróglio*. Segundo ele, apesar da confusão, alguns pontos podem ser tomados como indiscutíveis. Em 1914, Freud dá a entender claramente a existência de dois narcisismos, um narcisismo primário e um narcisismo secundário. Além disso, é possível perceber a existência de três modos distintos do funcionamento libidinal: auto-erotismo, narcisismo e escolha de objeto.

Em Freud, o narcisismo primário designa, de um modo geral, o primeiro narcisismo, ou seja, o narcisismo da criança que toma a si mesmo como objeto de

amor, antes de escolher objetos exteriores. Apesar disso, não é fácil concretizar o momento da constituição desse estado. Nos textos entre 1910-1915, esta fase é localizada entre o auto-erotismo e o amor de objeto, possivelmente contemporânea ao aparecimento de uma primeira unificação do eu. Mais tarde, com a elaboração da segunda tópica, os termos mudam de figura.

Seguindo o texto de 1914, pode-se afirmar que Freud postula o eu como sendo o grande reservatório da libido, a partir de onde esta se distribuiria pelos objetos externos, com a condição de voltar ao lugar de origem caso eles não lhe proporcionassem satisfação. Contudo, quase dez anos depois, no texto “O eu e o isso” (1923), o mestre parece mudar de idéia, brindando-nos, assim, com mais algumas dúvidas. Ele propõe que o isso deteria toda a libido, em razão da excessiva fragilidade do eu no início da organização psíquica. O isso emitiria, assim, investimentos pulsionais sobre os objetos externos ao passo que o eu, adquirindo cada vez mais força e amplitude, logo tomaria o lugar dos objetos, retomando, destes, parte da libido que retinham. Essa última hipótese faria do narcisismo do eu um narcisismo secundário, tirado dos objetos:

No início, toda a libido está acumulada no isso, enquanto o eu encontra-se ainda em processo de formação ou é fraco. O isso envia uma parte dessa libido para investimentos objetais eróticos; em consequência, o eu fortalecido tenta apoderar-se dessa libido do objeto e impor-se ao isso como objeto amoroso. Portanto, o narcisismo do eu é um narcisismo secundário, subtraído dos objetos (Freud [1923] 2006: 47).

Com essa mudança Freud parece designar pelo termo narcisismo primário um primeiro estado da vida anterior à constituição do eu, suprimindo, assim, a distinção entre narcisismo e auto-erotismo. De acordo com Laplanche e Pontalis, esta última acepção do narcisismo primário prevalece atualmente no pensamento psicanalítico. Essa passagem deu ensejo a interpretações diversas da noção de narcisismo. Muitos autores discordam dela, apresentando duas razões para tal. A primeira é que, nesta acepção, perde-se de vista a referência à constituição de uma imagem unificada do próprio corpo que, como Freud havia esclarecido em 1914, não existe desde o início. O narcisismo primário diria respeito a um estado ‘anobjetal’. A segunda crítica, daí derivada, apóia-se na teoria de alguns autores, como M. Balint, que defendem a existência de relações de objeto desde o início da vida do bebê (Laplanche e Pontalis, 1992: 291).

André Green é um dos psicanalistas que produziu contribuições originais a partir deste impasse. Ele apresenta observações enriquecedoras acerca do destino do conceito de narcisismo após a formulação da segunda teoria pulsional. No artigo “Narcisismo primário: estado ou estrutura?” (1966-1967) ele examina a noção de narcisismo primário, concebendo-o como uma estrutura e não como um estado. Além disso, ele constrói uma hipótese bastante interessante: propõe um narcisismo negativo/ narcisismo de morte, em oposição ao que ele irá chamar de narcisismo positivo ou narcisismo de vida.

Uma vez que há uma série de teorias provenientes do impasse colocado por Freud em 1923, por que elegi este autor? André Green é um psicanalista que, desde cedo (1963), interessou-se pela temática do narcisismo, sendo um dos poucos que tentou tecer uma articulação entre a teoria do narcisismo e a última teoria pulsional freudiana. Ele não precisou abrir mão do referencial freudiano para construir o seu pensamento, o que para mim deve ser valorizado. Na introdução do livro “A loucura pessoal” (1988), ele relata que, apesar do impacto que o ensino lacaniano teve sobre ele, optou por analisar-se com M. Bouvet após ter lido o seu trabalho clínico sobre as ‘relações objetais’. Foi só depois do falecimento de Bouvet (1961) que Green passou a freqüentar os seminários públicos de Lacan, ao mesmo tempo em que estabeleceu contato com os psicanalistas ingleses, dentre eles, Winnicott.

Green critica a teoria lacaniana porque considera que Lacan não deu a devida atenção à problemática do afeto. Após a publicação do artigo mencionado acima sobre o narcisismo primário, em 1967, ele parou de freqüentar os seminários de Lacan<sup>6</sup>. Desde cedo, o pensamento de André Green esteve inserido no debate tão atual até hoje acerca do lugar e da função do afeto, em contraposição à representação, na teoria psicanalítica. Ele acreditava que a teoria freudiana favorecia mais as representações em detrimento dos afetos, pelo menos até a época do segundo modelo topográfico do aparelho psíquico, em 1923. Segundo Green, em “Inibição, sintoma e angústia” (1926), Freud fala sobre o afeto de angústia, porém sua concepção sobre os afetos ainda permanece incompleta e obscura. Então, em 1970 ele apresenta um relatório sobre o afeto

---

<sup>6</sup> Pergunto-me se a crítica de Green é válida para a obra lacaniana como um todo, ou se ela está referida à primeira fase do pensamento do autor. Será que se Green houvesse acompanhado Lacan até o final ele continuaria sustentando a mesma crítica?

publicado no livro “*Les discours vivant: la conception psychanalytique de l’affect*” (1973). Nesta época ele também se sentiu atraído pelo pensamento de Bion que se dedicava às experiências emocionais mais primitivas. A este respeito escreve Green:

Eu acreditava que o que mudara desde Freud era provavelmente menos a população de analisandos que o modo dos analistas os escutarem. Não se pode excluir o fato de que se encontram bem menos neuróticos que nos tempos de Freud, pela mera razão de que essa população está mais diluída devido ao número maior de analistas. Mas, acima de tudo, a percepção e o ouvido do analista é que já não são mais os mesmos. Hoje em dia o auscultar de alguém é mais sensível para captar os conflitos carregados de potencial arcaico, que talvez passassem inobservados no passado (Green, 1988: 17).

O interessante é que o objetivo de Green não era substituir os conceitos freudianos que giram em torno da noção de castração pelos referenciais que remetem às idéias de fragmentação, desintegração, aniquilação, etc. Sua proposta era construir uma articulação das duas abordagens que ligasse o hiato entre elas (Green, 1988: 242).

Foi nesta direção que André Green desenvolveu o seu pensamento, ou seja, ele seguiu duas orientações principais: o estudo teórico-clínico do narcisismo e o estudo das patologias fronteiriças. A discussão empreendida por ele a partir dos desdobramentos da noção de narcisismo primário redundou na criação de uma nova categoria – o narcisismo moral -, que apesar de datar de 1969 é muito atual. Além disso, mas não menos importante, Green é contemporâneo de Piera Aulagnier, autora que ganhou lugar de destaque nesta tese. Ainda que o interesse deles seja diferente – para o primeiro, a teoria do narcisismo e os casos fronteiriços e, para a segunda, a clínica da psicose -, há notícia de que eles estabeleceram uma troca profícua que, arriscaria, redundou em pontos convergentes. Suspeito que a discussão sobre a dialética afeto/representação tão explorada por Green parece encontrar um destino próximo no pensamento destes dois autores. A partir da concepção do pictograma, Aulagnier constrói uma relação muito particular entre os dois conceitos que esbarra na concepção final de Green sobre o afeto. “No final, o que mantenho é que o afeto é representação. Significante da carne é o que propus em *Les discours vivant*” (Green, 1988: 253). Abrirei uma nova seção para melhor examinar as contribuições deste autor.

## 1.2

### A dupla concepção de narcisismo no pensamento de André Green

André Green, no livro “Narcisismo de Vida – Narcisismo de morte” (1988), defende a idéia de que o conceito de narcisismo constituiu-se como um parêntese no pensamento freudiano. Entre a sexualidade, que reinou soberana desde o início e durante muitos anos, e a criação de sua segunda tópica, o narcisismo teve o seu lugar. Segundo ele, Freud abandonou as suas investigações acerca do narcisismo após 1920 - simplesmente incluindo-o como parte das pulsões de vida -, deixando em aberto a possibilidade de uma associação entre o narcisismo e as pulsões de morte, de destruição. O narcisismo, a partir de então, passou a ser cada vez menos mencionado, sobrevivendo através do conceito de ideal do eu, formulado no artigo “Introdução ao narcisismo” (1914).

A proposta de Green é repensar as questões acerca do narcisismo a partir da última teoria pulsional de Freud, mais precisamente, àquela contemplada em “O eu e o isso” (1923), postulando, assim, um narcisismo positivo, de vida em contraposição a um narcisismo negativo, de morte. Esta idéia é apresentada de forma bastante clara no artigo “*A Dual conception of narcissism*” (2002), ocasião em que o autor, novamente, declara que o narcisismo, após 1920, tornou-se um mistério e lembra um dos últimos comentários de Freud a respeito: o narcisismo deveria ser simplesmente incluído na síntese final das pulsões de vida (1940). Green propõe as suas idéias a partir da clínica e da investigação da obra freudiana. Segundo ele, Freud teria falhado em elaborar outras possibilidades para o narcisismo, na medida em que algumas de suas características poderiam ter sido vistas como parte daquilo que ele, mais tarde, descreveu como a pulsão de morte.

Green desenvolve o seu argumento a partir da abertura encontrada no texto freudiano de 1923, “O eu e o isso”, particularmente, no quarto capítulo intitulado “As duas classes de pulsões”, momento em que Freud fala sobre a fusão e a defusão das pulsões, bem como a respeito da possibilidade de dessexualização das mesmas. Freud insiste na impossibilidade de pensar nas pulsões de vida e morte de forma desarticulada. Apesar de não esclarecer como estas pulsões se ligam e se fundem, essa idéia é indispensável à sua concepção. Uma vez admitido tal postulado, o movimento contrário também precisa ser levado em consideração, ou seja, a hipótese da defusão, sempre relativa.

A primeira passagem que Green destaca do texto freudiano afirma que “a transformação da libido de objeto em libido narcísica obviamente implica um abandono dos objetivos sexuais, uma dessexualização – uma espécie de sublimação, portanto” (Freud [1923] 2006: 44). Green valoriza o fato de que a dessexualização observada por Freud na sublimação é um processo que segue a mesma linha da pulsão de morte: “A menção explícita sobre a libido narcísica nos abre o caminho para considerar que pelo menos alguns aspectos do narcisismo podem seguir a mesma linha do anti-erotismo envolvido na pulsão de destruição, mesmo que não acompanhada por uma manifestação aberta de destruição” (Green, 2002: 634).

Além disso, ele sublinha um momento posterior no mesmo texto, no qual Freud explica por que algumas situações clínicas - por exemplo, a transformação do amor em ódio e vice-versa -, poderiam invalidar as suas hipóteses: concebendo a transformação de uma pulsão em outra, cai por terra a distinção fundamental entre as pulsões eróticas e as destrutivas. Diante disso, Freud postula - sem especificar onde, se no eu ou no isso -, a existência de uma energia deslocável, neutra, que poderia ser adicionada tanto a uma moção erótica como a uma destrutiva, aumentando sua intensidade. A questão passa a ser de onde provém tal energia. Uma nova hipótese: essa energia deslocável e indiferente seria proveniente do estoque narcísico de libido, ou seja, ela seria Eros dessexualizado. Com isso, ele dá o pulo no qual Green irá deter-se para desenvolver a sua teoria: “Parece verossímil que essa energia indiferente e deslocável, ativa tanto no eu quanto no isso, provenha do estoque narcísico de libido e seja Eros dessexualizado” (Freud [1923] 2006: 45). Mais adiante: “Se essa energia deslocável é libido dessexualizada, é lícito chamá-la também sublimada, pois continua mantendo a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar - na medida em que serve à produção da unidade pela qual o eu distingue-se” (Freud [1923] 2006: 46).

Green sugere que é possível encontrar na dessexualização observada por Freud no processo de sublimação uma mistura das funções de Eros – união e ligação - e dessexualização, que é um objetivo da pulsão de morte. Segundo ele, desde que Freud concluiu que a sublimação ocorre por intermédio do eu, pode-se deduzir que a dessexualização envolvida na sublimação e o processo de desligamento também ocorrem, pelo menos em parte, no eu. Inclusive, ele destaca

outra passagem de Freud que corrobora a sua hipótese: “o eu trabalha em oposição aos objetivos de Eros, colocando-se a serviço de moções pulsionais opostas” (Freud [1923] 2006: 46). Isto autoriza Green a tomar o eu como o lugar da fusão e da des fusão das pulsões.

Através deste percurso, o autor chega à hipótese de que, desde a última teoria das pulsões, há que se levar em consideração a possibilidade de um duplo narcisismo: um narcisismo positivo, cujo objetivo é alcançar a unidade; e um narcisismo negativo, que caminha em direção à morte psíquica. Ele faz uma ressalva: esta distinção – narcisismo positivo e narcisismo negativo -, não deve ser tomada em termos de um narcisismo saudável e outro patológico. De acordo com ele, as “desordens de personalidade narcísicas” não dão conta de todas as conseqüências clínicas do narcisismo. Algumas depressões - às quais, como veremos na seção seguinte, Green denomina “narcisismo moral” -, baseadas no ascetismo, nos estados de futilidade, vazio, anorexia e idealização extrema são exemplos de desinvestimento pulsional. Na introdução de seu livro “A loucura pessoal” (1988), ele esclarece:

Minha hipótese é de que essa tendência à unidade encontra reação da parte de um narcisismo negativo oriundo das pulsões destrutivas, o qual atua na direção inversa e está manifesto na tendência para reduzir os investimentos do eu ao nada. Clinicamente isto está evidente em toda patologia narcísica que nos confronta com um estado de vácuo psíquico e desinvestimento do eu (Green, 1988: 18-19).

Ele fala em um duplo ataque sobre a libido do eu e sobre os investimentos objetivos, na medida em que o narcisismo positivo favorece a libido do eu em detrimento dos objetos, e o narcisismo negativo desinveste a libido do eu sem repassá-la para os objetos. Em muitos casos parece que o eu fica desinteressado tanto por si próprio como pelo objeto, ansiando apenas por desaparecer. Para André Green esta é a verdadeira expressão da pulsão de morte que, de forma alguma, pode ser comparada à agressividade ou ao masoquismo primário.

Em um trabalho posterior (1990), que reúne três conferências proferidas por Green na ocasião de sua visita ao Rio de Janeiro em agosto de 1986, cujo tema é a “Metapsicologia dos limites”, são encontrados outros elementos que ajudam a rastrear o percurso construído por ele. Em um determinado momento da terceira conferência, intitulada “O trabalho do negativo”, ele esclarece a sua posição em

relação à discussão sobre a teoria da pulsão e a teoria do objeto: “meu ponto de vista é de que o objeto é o revelador da pulsão. É através da existência do objeto e, em particular, da falta de objeto, que a pulsão se faz sentir” (Green [1986] 1990: 71). A partir desse pressuposto, ele propõe pensar sobre o que seja o objeto. Lembra que, de acordo com Freud, o objeto da psicanálise é um objeto substituível, podendo, inclusive, ser o próprio eu. Ele vai além, sugerindo que o próprio investimento pode tornar-se objeto. Para sustentar essa idéia recorre, novamente, à sublimação. Como exemplo, a seguinte situação: se na infância o indivíduo era *voyeur*, ele torna-se um fotógrafo. Nesse caso, o seu interesse não é a coleção das fotos tiradas, e sim a fotografia. A fotografia é um investimento. Sendo assim, é o interesse pela fotografia que se torna o objeto. Essa proposição lhe permite falar em uma “função objetalizante”. Para explicá-la, resgata um dos últimos textos freudianos, “Esboço de psicanálise” (1940), lembrando que Freud não fala mais em pulsão sexual, mas em função sexual, como o melhor meio para conhecer Eros. Isso autoriza Green a pensar que as pulsões de vida são um conjunto mais amplo do que o da sexualidade. Em função disso, pode-se pensar a ligação como o grande mecanismo para definir a pulsão de vida. “O seu papel é assegurar uma função objetalizante, ou seja, ligar a pulsão de amor ao objeto” (Green [1986] 1990: 75).

Inversamente, do lado da pulsão de morte, há o desligamento como o grande mecanismo descrito por Freud. Isso dá a possibilidade de Green postular a existência de uma “função desobjetalizante” para a pulsão de morte. O que é isso? “Significa que a pulsão entra em ação cada vez que o sujeito realiza, diante do objeto, uma desqualificação de sua própria singularidade e de seus próprios atributos” (Green [1986] 1990: 76). A forma extrema da “função desobjetalizante” é o narcisismo negativo onde se manifesta a aspiração ao nada, à diminuição das tensões. O narcisismo negativo é muito bem representado pela categoria do “narcisismo moral”, construída a partir das novas configurações reveladas pela clínica. Nesse trabalho, intitulado “O narcisismo moral”, escrito em 1969, ele pretende atribuir a esta noção um caráter de estrutura – estrutura patológica do narcisismo -, apesar de, logo no início, afirmar que somos todos providos de narcisismo moral.

### 1.2.1

#### O narcisismo moral

O artigo intitulado “O Narcisismo moral”, escrito em 1969, traz uma observação instigante logo de saída: a constatação de que, na França, há muitos trabalhos teóricos sobre o narcisismo, contudo, os trabalhos clínicos são escassos. André Green contribui para “engordar” esta segunda fatia. Apesar de não constar um fragmento de caso neste trabalho, a articulação com a clínica perpassa toda a leitura, finalizando com o que ele chama “as implicações técnicas do tratamento”.

O autor desenvolve o texto num movimento interessante a partir da tentativa de construir um contorno mais consistente para uma figura revelada pela clínica, atribuindo a ela o valor de estrutura: o narcisismo moral. Enquanto apresenta as definições do narcisismo moral esforça-se para diferenciá-lo do masoquismo. Inspirado nos três tipos de masoquismo postulados por Freud, em “O problema econômico do masoquismo” (1924), Green admite ser possível distinguir, a partir da clínica, variedades ou sub-estruturas do narcisismo<sup>7</sup>: o narcisismo corporal, o narcisismo intelectual e o narcisismo moral. Estes três aspectos do narcisismo apresentam-se como “variantes do investimento que, por razões defensivas ou de identificação são preferidos segundo cada configuração conflitual” (Green [1969] 1988: 204). Deter-me-ei neste último.

Uma das distinções propostas por ele diz respeito às fantasias masoquistas e às fantasias narcisistas. Enquanto na primeira, como Freud nos ensinou, a montagem seria “Onde houver um tapa a receber, o masoquista oferece a face”, na segunda, ter-se-ia: “Onde houver a necessidade de renunciar a alguma satisfação, o narcisista moral se oferece” (Green [1969] 1988: 194). Enquanto no masoquismo fala-se de uma passividade que exige a presença do Outro, o que estaria em jogo para o narcisista seria uma renúncia ao mundo, bem como aos prazeres e desprazeres dele provenientes. “Subverter o sujeito por inversão do prazer está ao alcance de muitos. Mais difícil e mais tentador é situar-se além do prazer-desprazer fazendo voto de resistência, sem busca de dor, de pobreza, de privação, de solidão, inclusive, de vida eremita” (Green [1969] 1988: 195). Uma distinção fundamental entre o masoquista e o narcisista moral é que o primeiro

---

<sup>7</sup>Cabe ressaltar que Green não considera nenhuma correspondência entre as três formas de masoquismo e as três formas de narcisismo.

conserva um vínculo imprescindível com o objeto, enquanto o segundo esforça-se por abandoná-lo.

A saída buscada pelo narcisista, em termos de solução do conflito, é o crescente empobrecimento de suas relações objetais, “elevando o Eu ao seu mínimo vital objetal, conduzindo-o ao seu triunfo libertador” (Green [1969] 1988: 196). Essa saída não deixa de ser um engodo na medida em que as pulsões exigem que a satisfação passe por um objeto. Por isso Green se pergunta: na medida em que ele tenta aniquilar todo e qualquer investimento objetal, qual seria a satisfação do narcisista moral? Ele mesmo nos dá a resposta: o sentimento de ser melhor pela renúncia, fundamento do orgulho humano.

Quanto aos aspectos derivados do narcisismo moral, há um ascetismo característico da adolescência, que permanece na vida adulta, tornando-se um estilo de vida. Este ascetismo é diferente do ascetismo religioso, na medida em que é inconsciente. Ele toma como pretexto as limitações de ordem material para levar o Eu a consentir numa redução dos investimentos. Desta forma, a dependência em relação ao objeto e ao desejo é substituída por um auto-erotismo pobre, desprovido de fantasias ou, então, desloca-se para o trabalho, colocando em ação uma pseudo-sублиmação, já que parece mais uma formação reativa do que um destino da pulsão.

Outra característica é o retardamento afetivo, fruto de uma denegação do desejo e de seu substrato pulsional. “Reconhecemos estes seres na vida por se colocarem freqüentemente em posição de Judas; isto não os incomoda, pois estão convencidos de sua superioridade sobre os comuns mortais”. Este aspecto aproxima-se muito da histeria. Contudo, Green não se furta de indicar a diferença. No primeiro – retardamento afetivo - estaria em jogo um significativo tributo pago ao ideal do eu. A questão da idealização entra em jogo e, “é esta distinção de ordem econômica que permite fundamentar melhor a separação entre histeria e retardamento afetivo, como se esse último fosse o produto de uma narcisização exagerada, face um desinvestimento objetal crescente” (Green [1969] 1988: 198).

Estes comportamentos não surgem apenas como defesas. O que qualifica essas escolhas é um imenso orgulho, por trás das formas enganosas de uma intensa humildade incompatível com os desempenhos comuns do narcisismo. Este super-investimento narcisista é fruto de uma ferida narcísica irreparável. Mas, sem dúvida, há um aspecto defensivo neste “pôr-se a salvo das vicissitudes da pulsão

de seus objetos”. Contudo, o que o narcisista moral não pode admitir é que a sua fragilidade extrema o coloca diante da possibilidade de experimentar uma desorganização quase psicótica. Em função disto, Green insiste na questão do orgulho.

Ao apresentar a metapsicologia do narcisismo moral, Green afirma que o narcisismo moral responde a uma situação intermediária entre a rejeição (*Verwerfung*) e a recusa (*Verleugnung*) da realidade, o que indica a gravidade desta estrutura.

No que diz respeito à relação do narcisismo moral com as outras subestruturas do narcisismo, é com o narcisismo corporal que ele tem as mais estreitas relações. Assim, chama atenção para o fato de que o corpo como aparência, fonte de prazer, de sedução e de conquista do outro é banido. “O corpo é o Outro que ressurgue, apesar da tentativa de apagamento das suas marcas. Ele é limitação, servidão, finitude. Por isso, o mal-estar é primordialmente um mal-estar corporal” (Green [1969] 1988: 204). Estes sujeitos deitam-se no divã de forma estereotipada, impossibilitados de qualquer mudança de posição. A sessão de análise deixa falar o corpo (ruídos intestinais, reações vaso-motoras, sudorese, sensações de frio ou calor) que tenta ser calado a todo custo.

Esta dependência do narcisista moral em relação ao seu corpo tem as suas raízes na relação com a mãe. “Sabemos que a chave para o desenvolvimento humano é o amor, o desejo como essência do homem, como diz Lacan” (Green [1969] 1988: 205). Neste sentido, a mãe teria duas tarefas. A primeira seria a de garantir a satisfação das necessidades para que o campo do desejo venha a se abrir como ordem significante. A segunda seria garantir a segurança do Eu da criança, para que o narcisismo possa instaurar-se. Se estas tarefas fracassam num momento muito precoce, “a mãe torna-se o suporte de uma onipotência, acompanhada de uma idealização cujo caráter psicotizante é bem conhecido, à medida que ela vem acompanhada do esmagamento do desejo libidinal” (Green [1969] 1988: 206).

O que o narcisista moral faz é valer-se da moral para livrar-se das vicissitudes da relação objetual, obtendo de forma desviada certa liberdade da servidão exigida por tais vínculos. Seu projeto seria proporcionar ao isso e ao eu a possibilidade de serem amados por um supereu exigente e um ideal do eu tirânico. Novamente, contudo, a estratégia fracassa. Primeiro porque a tarefa de driblar o supereu é mais árdua do que gostaria o narcisista moral. Segundo porque as

exigências do isso não cessam de se fazer escutar, apesar das manobras ascéticas do eu (Green [1969] 1988: 207). O narcisista moral, portanto, vive numa permanente tensão entre o ideal do eu e o supereu que aponta para um sofrimento que, paradoxalmente, indica que algo ainda vive, apesar de seu esforço para reduzir ao máximo o nível de tensão.

Quanto às implicações técnicas do tratamento, Green sinaliza a delicadeza deste trabalho sem, contudo, deixar de indicar uma saída: a chave destes tratamentos reside como sempre no desejo de analista e na contratransferência. O analista, no decorrer da análise, acaba por sentir-se prisioneiro de seu cliente e acaba sentindo-se tentado a mudar esta situação para fazer a análise progredir. Com isto, ele oferece o seu amor sem se dar conta de seu equívoco na medida em que, desta forma, responde à demanda de amor incondicional do paciente. Além disto, há uma tendência a interpretar a transferência, o que, nestes casos, tem pouco eco. Sendo assim, a saída que Green aponta – com todos os cuidados –, é analisar o narcisismo. Como seria isto? Após vários anos de trabalho, quando a transferência está bem estabelecida e as condutas de repetição foram bem analisadas, Green sugere que o analista pronuncie as palavras-chave: vergonha, orgulho, honra, megalomania, apostando que este ato livraria o sujeito de uma parte de seu fardo, na medida em que se sentiria compreendido pelo analista. Esta atitude interpretativa, segundo ele, “poderá permitir o acesso à problemática idealização-perseguição, mostrando o que é encoberto, através da idealização, na perseguição implícita que esta esconde nas suas dobras” (Green [1969] 1988: 216). Assim, o vínculo objetal em relação à mãe pode ser reconstituído, e as reprimidas do eu em relação ao objeto e vice-versa podem vir à luz. De acordo com Green, esta conduta técnica é mais interessante do que oferecer ao cliente um sorriso constrangido e forçado quando, internamente, não se sente à vontade. Essas atitudes camufladas do analista - se acreditamos no inconsciente - são percebidas pelo analisando através dos mais diferentes indícios.

A categoria do narcisismo moral é interessante, na medida em que ela possibilita ampliar a análise da clínica psicanalítica, trazendo elementos que apontam certa anestesia do sujeito - um dos motes para se falar do sujeito contemporâneo -, sem tecer maiores generalizações. Mais do que um ‘rótulo’ para estes sujeitos, Green incentiva a questionar o lugar de analista, o desejo de

analista, indicando que é possível realizar um trabalho com os sujeitos que não se encontram no campo da neurose.

O passo seguinte será retomar Freud para examinar o que ele designou como instâncias ideais que permitem construir uma articulação entre o individual e o coletivo.